

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
Curso de Bacharelado em Ciências Sociais

GUARDIÃS DE SEMENTES CRIOULAS:
resgate da biodiversidade como ferramenta regenerativa e de autonomia feminina no Rio
Grande do Sul

Thais Torres Ramalho

Porto Alegre
2022

Thais Torres Ramalho

GUARDIÃS DE SEMENTES CRIOULAS:

resgate da biodiversidade como ferramenta regenerativa e de autonomia feminina no
Rio Grande do Sul

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas como requisito para obtenção do título de bacharelado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Professora Orientadora: Camila Penna de Castro

Porto Alegre, 2022

AGRADECIMENTOS

À minha mãe Dione, que me ensinou a ser resistência desde cedo. Obrigada por confiar e apoiar as minhas escolhas.

À minha irmã Janaína por ser colo e apoio sempre, à minha irmã Denise pela escuta atenta e os melhores conselhos e à minha irmã Júlia, por me mostrar que o amor é inexplicável.

À minha vó Alaídes por todo carinho, conforto em forma de comida, pelos *causos* contados e também pelas horas em silêncio, que me ensinaram tanto.

Aos meus sobrinhos Manuela, Mariana, Samuel e Bento, obrigada por todo amor genuíno e por renovarem diariamente a minha esperança no mundo.

Às minhas amigas, pela presença no desespero e nas risadas. Obrigada por todas as mensagens de apoio e ofertas de ajuda. Em especial à Rafaela, pelas melhores dicas metodológicas e por me encorajar na escrita.

À minha orientadora Camila, pela compreensão, generosidade e me mostrar que era possível, mesmo com meu prazo curto.

À educação gratuita e de qualidade proporcionada pela UFRGS, pelos auxílios permanência, tão essenciais para que pudesse chegar até o final da graduação.

Aos meus professores, por todos os ensinamentos que ainda reverberam na minha vida. E aos meus colegas das diversas turmas em que fui matriculada, obrigada pelas ajudas e trocas aleatórias nos corredores do campus que fizeram essa caminhada menos pesada.

À Rosimeri da Emater/RS, por sua disponibilidade, pelo apoio com as entrevistas e pelas conversas. Sua ajuda foi crucial para o desenvolvimento deste trabalho.

Às guardiãs, por seus saberes compartilhados e pela confiança. Obrigada por me permitir conhecer um pouco de suas vivências, é uma honra para mim escrever sobre seus preciosos trabalhos. É na contemplação de trabalhos como os seus, que alimento minha esperança de um mundo socioambientalmente saudável.

Pegemos nossa pá, perguntemos à nossa terra o que lhe está faltando e tratemo-la depois convenientemente dentro dos limites que a natureza nos impõe, e a antiga exuberância voltará aos nossos campos e à prosperidade aos nossos lares.”
(Ana Primavesi)

RESUMO

O processo de modernização da agricultura, intensificado pela Revolução Verde, intensificou a perda de biodiversidade e o enfraquecimento da soberania alimentar da agricultura familiar. Nesse cenário, o trabalho das mulheres guardiãs de sementes crioulas se configura como uma potente ferramenta regenerativa agroecológica, construída a partir do resgate e preservação de saberes ancestrais. A presente pesquisa teve como propósito analisar o significado das sementes crioulas para as guardiãs, enquanto ferramenta de autonomia e soberania alimentar, considerando suas trajetórias de vida, métodos de armazenamento das sementes, dinâmicas sociais e o impacto do trabalho nas suas realidades. Para isso foram entrevistadas três guardiãs pertencentes a dois municípios do estado do Rio Grande do Sul, Canguçu e Ibarama. A metodologia da pesquisa é qualitativa, e durante as entrevistas foi utilizado um questionário com roteiro semiestruturado. Foi possível concluir que o trabalho desempenhado pelas guardiãs de sementes crioulas contribui, na perspectiva delas, para maior autonomia produtiva da propriedade, possibilita interação sociocultural com a comunidade e promove resistência à destruição da agrobiodiversidade. Além disso, os relatos evidenciam desafios resultantes da desigualdade de gênero e da invisibilidade do trabalho das mulheres rurais.

Palavras- chaves: guardiãs de sementes; sementes crioulas; agroecologia; soberania alimentar; feminismo camponês;

ABSTRACT

The process of agricultural modernization, intensified by the Green Revolution, triggered a loss of biodiversity and a weakening of the food sovereignty of family farming. In this scenario, the work of women guardians of creole seeds is configured as a powerful agroecological regenerative tool, built from the rescue and preservation of ancestral knowledge. The purpose of this research was to analyze the meaning of creole seeds for guardians, as a tool for autonomy and food sovereignty, considering their life trajectories, seed storage methods, social dynamics and the impact of work on their realities. For this, three guardians belonging to two municipalities in the state of Rio Grande do Sul, Canguçu and Ibarama, were interviewed. The research methodology is qualitative, and a semi-structured questionnaire was used during the interviews. With the results, it was possible to conclude that the work performed by the guardians of native seeds contributes to greater productive autonomy of the property, allows sociocultural interaction with the community and promotes resistance to the destruction of agrobiodiversity. In addition, the reports highlight challenges resulting from gender inequality and the invisibility of rural women's work.

Keywords: seed guardians; Creole seeds; agroecology; food sovereignty; peasant feminism;

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. AGROECOLOGIA, SEMENTES E MULHERES	13
1.1 Guardiãs/guardiões e as sementes crioulas	14
1.2 Segurança e soberania alimentar	18
1.3 Mulheres camponesas e a agroecologia	20
2. AS MULHERES GUARDIÃS	23
2.1 As guardiãs	24
2.2 Sementes crioulas para as guardiãs: legado ancestral e identidade	28
2.3 Soberania alimentar: uma perspectiva de subsistência	33
2.4 Autonomia e luta por visibilidade	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS	43
ANEXO 1	46
ROTEIRO DE ENTREVISTA	46

INTRODUÇÃO

Desde o surgimento da agricultura, as dinâmicas de atuação humana na natureza passaram por diversas transformações, modificando meio ambiente, cultura e relações sociais. Considerando os processos históricos, há importantes indícios de que o ato de enterrar sementes foi praticado pela primeira vez pelas mulheres (DOMINGUEZ et al, 2000), marcando o início de práticas de cultivo e de observação.

Por conseguinte, os seres humanos desenvolveram técnicas e aplicaram seus conhecimentos para sobreviver a partir do cultivo. O trabalho no campo foi se consolidando pela utilização da força de trabalho dos membros da família ou da comunidade, pela seleção e guarda de sementes (LONDRES, 2013). Esses saberes acumulados pelas comunidades tradicionais foram perpetuados por agricultores que continuam a transmiti-los para seus descendentes, e os responsáveis por conservá-los são chamados de guardiões de sementes (SANTILLI, 2009).

Na história recente, a introdução de sementes modificadas e de insumos na produção agrícola intensificada pela Revolução Verde gerou perda da agrobiodiversidade, descaracterização da cultura no meio rural e empobrecimento dos agricultores excluídos do processo de modernização agrícola (GOODMANN, 1990). Ao mesmo tempo que a introdução do monocultivo, abastecida de fertilizantes químicos, aumentou consideravelmente a produção, causou destruição ambiental (SILLIPRANDI, 2009), e também foi responsável por levar insegurança alimentar para a parcela mais vulnerável do campo.

Dessa forma, os ritos de guarda, a multiplicação e as transformações tradicionais de sementes foram substituídas por um processo mecanizado, encarecido e desconectado de realidades climáticas e sociais regionais. Distante dos saberes ancestrais e controlada por uma cadeia industrial de sementes modificadas, a expansão da monocultura desencadeou grande impacto na biodiversidade de sementes e, em consequência disso, o enfraquecimento da soberania dos povos camponeses sobre a produção de alimentos (SANTILLI, 2012).

Ao longo da história, as mulheres ocuparam o lugar de agentes responsáveis pela produção, guarda e gestão dos alimentos. Hoje, na luta contra a hegemonia agroindustrial da produção de alimentos, as mulheres guardiãs ocupam importante espaço na preservação e no

resgate dos conhecimentos ancestrais, reproduzindo práticas que são, muitas vezes, passadas de geração em geração (BEVILAQUA et al, 2014).

As mulheres guardiãs que protegem a história dessas sementes são detentoras de um legado de preservação, de saberes e de cuidado com toda uma teia de proteção da natureza e dos seres vivos. Esses saberes são ferramentas de resgate da agrobiodiversidade, portanto a participação das mulheres na transição para uma agricultura sustentável é crucial para viabilizar justiça social e a igualdade de gênero.

Para Shiva (2003) o processo de perda da diversidade crioula pela colonização biotecnológica, assim como a luta das mulheres frente a uma sociedade patriarcal, é resultado da opressão de sistemas dominantes. A criação de movimentos sociais como o das mulheres camponesas (MMC), sinalizou a intenção de unificar os movimentos das mulheres camponesas na luta pela preservação dos saberes da agricultura tradicional, pela soberania alimentar e pela autonomia enquanto mulher rural (MMC, 2014).

Diante desse cenário, e pela urgência de novos horizontes na produção de alimentos - estudiosos, camponeses e movimentos sociais de luta por soberania alimentar se voltam ao estudo da agroecologia. Altieri (1987) a caracteriza como um conjunto de práticas produtivas com princípios que respeitam e incentivam a biodiversidade em ecossistemas complexos. Além disso, estes conhecimentos conectados ao modelo tradicional de agricultura visam reduzir os impactos ambientais e a necessidade de insumos externos.

Nas palavras do autor,

A abordagem agroecológica é também mais sensível às complexidades dos sistemas agrícolas locais. Nela, os critérios de desempenho incluem não só uma produção crescente, mas também propriedades como sustentabilidade, segurança alimentar, estabilidade biológica, conservação de recursos e equidade. (ALTIERI, pág. 42, 2004)

Dessa forma, a agroecologia se coloca como ciência que busca transformar o modelo de agricultura dominante atual, para a qual é indispensável a existência de participação social para construir espaços de reconhecimento das desigualdades. Logo, a inserção das mulheres no processo de transição para a agroecologia não se justifica apenas por seus conhecimentos relevantes, mas também pela urgência de dar visibilidade às suas pautas contra a opressão.

Dito isso, essa pesquisa se insere na temática que aborda o papel das mulheres guardiãs de sementes para garantia da autonomia alimentar no seu grupo familiar e social. De

que forma uso dos seus saberes como guardiã de sementes reverbera na sua realidade enquanto mulheres agricultoras?

Objetivos

Pesquisar sobre o trabalho das mulheres guardiãs na preservação das sementes crioulas a partir da experiência de três guardiãs no estado do Rio Grande do Sul.

Justificativa

Além do impacto positivo que o trabalho das mulheres guardiãs de sementes representa na resistência ao apagamento dos saberes tradicionais, a biodiversidade protegida se apresenta como uma ferramenta necessária de transição para um novo paradigma do ponto de vista da produção de alimentos. Para implantação de sistemas agroecológicos, no cenário atual de perda de variedade de sementes, seus conhecimentos são de grande importância como ferramenta para manutenção da agrobiodiversidade (ABRAMOVAY, 2010). Portanto, uma pesquisa sobre o trabalho dessas mulheres se justifica do ponto de vista da relevância prática de se difundir seus saberes no marco de uma transição agroecológica.

Ainda que trabalhos importantes sobre a preservação de sementes crioulas tenham sido produzidos no estado, há necessidade de maior exploração do tema, considerando o recorte de gênero, as realidades locais e suas particularidades. A exemplo disso, as relevantes contribuições da Kaufmann (2014) sobre o trabalho de resgate, conservação e multiplicação da agrobiodiversidade crioula desenvolvido pelos agricultores de Ibarama/RS, e da tese de Olanda (2015), no estudo dedicado a identificar a tradição das famílias guardiãs de sementes crioulas e associações comunitárias como ferramenta de autonomia produtiva da agricultura familiar e preservação da agrobiodiversidade.

Nesse sentido, e tendo em vista o reduzido número de trabalhos produzidos sobre as mulheres guardiãs de sementes crioulas no estado do Rio Grande do Sul, este estudo buscará compreender seu protagonismo e o significado que o trabalho tem para a vida dessas mulheres. Considero ainda que dar visibilidade para a atuação das mulheres guardiãs detentoras desse

conhecimento é uma forma de incentivar debates a respeito da biodiversidade por elas preservada.

Este trabalho, do ponto de vista teórico, apoia-se no estudo da agroecologia, e buscará compreender o sentido e significados que as mulheres guardiãs atribuem para seu trabalho com as sementes crioulas, focando-se sobre soberania alimentar e autonomia feminina, considerando a sua história de vida, ritos cotidianos e relações sociais. O objetivo do trabalho de análise é fornecer à comunidade científica, ativistas e interessados no tema, informações sobre mulheres e seus trabalhos de resistência, resgate e preservação da biodiversidade, considerando as particularidades e regionalidade dos resultados obtidos.

Metodologia

Logo que iniciei minha caminhada no curso de ciências sociais, cultivei grande interesse sobre estudos de mulheres protagonistas de lutas nos seus espaços de inserção, como a legado deixado por bell hooks sobre feminismo e as contribuições sobre gênero de Margareth Mead. Quando me propus a entender a agroecologia, teorias sobre o engajamento das mulheres camponesas por reforma agrária e por soberania alimentar me deram bases epistemológicas para compreender o movimento feminista camponês. Explorei a luta das mulheres além do feminismo urbano em “*que feminismo é esse que nasce na horta?*” (PAULILO, 2016), a visão correlacional do ecofeminismo (SHIVA, 1997) e ainda, as mulheres agricultoras como sujeitos políticos na agroecologia (SILIPRANDI, 2009). Já os estudos sobre agroecologia e o uso das sementes crioulas pelos agricultores, demonstraram sua eficiência como recurso de transição para ecossistemas biodiversos e estratégia contra perda da diversidade crioula (BURG, 2017), da mesma forma, com práticas e dinâmicas de cultivo sustentável, foi percebido melhoras nas condições sociais das mulheres rurais (SANTILLI, 2012) e transformações socioculturais na comunidade local (LONDRES, 2014). Posto isso, quando adentrei meu campo de pesquisa, universo e realidade das guardiãs, pude aproximar e conectar o conteúdo teórico estudado com o significado empírico e social que as sementes têm para as guardiãs, de forma individual.

Para responder à pergunta de pesquisa foi utilizado o método qualitativo, de caráter exploratório, tendo como referência entrevistas realizadas com as três guardiãs. Uma vez que o objetivo era entender o sentido que o trabalho como guardiãs têm para essas mulheres, e como se relacionam com autonomia e com biodiversidade, seus relatos produzidos a partir das entrevistas foram as fontes primárias. Para as entrevistas foi utilizado um roteiro semiestruturado de perguntas principais focadas no tema e acrescido de outras que surgiram no decorrer da entrevista. De acordo com (TRIVIÑOS, 1987), a entrevista semiestruturada não só facilita na descrição e entendimento da totalidade dos fenômenos sociais estudados, mas também estimula a atenção consciente do entrevistador durante a aplicação do questionário.

No que se refere às guardiãs, o projeto inicialmente era entrevistar cinco mulheres que guardam sementes, no entanto, o cenário da pandemia de COVID-19 impactou nas rotinas e transformou também a realidade acadêmica de fazer pesquisa. Diante disso, entrevistei três guardiãs, sendo duas mãe e filha (guardiã mirim), que me possibilitou explorar a relação parental e afetiva das guardiãs. Moradoras da cidade de Canguçu/RS, a entrevista aconteceu durante uma visita minha à propriedade da família, que durou cerca de três horas. No caso da terceira guardiã, moradora de Ibarama/RS, meu plano inicial era encontrá-la na feira anual de troca de sementes do município, porém devido à dificuldade de encontrar transporte no dia do evento, isso não se concretizou. Por isso a entrevista aconteceu de forma virtual, via vídeo chamada de WhatsApp, e teve duração de duas horas. Em ambos os casos, conheci as guardiãs através de extensionistas da Emater/RS.

A escolha do universo da pesquisa, se deu, no caso de Canguçu/RS, região sul do estado, por se tratar do município referência em pequenas propriedades rurais, sendo reconhecida como Capital Nacional da Agricultura Familiar, e ainda por conhecer a região, o que contribuiu para a facilidade de acesso. Já no caso de Ibarama/RS, localizado no centro do estado, a escolha foi motivada pela consolidada experiência da comunidade com resgate, manutenção e conservação da agrobiodiversidade crioulas, projeto que resultou em transformações importantes para os agricultores locais (KAUFMANN, 2014).

As entrevistas foram gravadas, com o conhecimento e consentimento das entrevistadas, para posteriormente serem transcritas, de modo a facilitar a análise. As questões

perguntadas foram norteadas pelo roteiro que abrangeu temas sobre as variedades de sementes, os ritos de cuidados e guarda, ancestralidade, as relações sociais e de trocas com a comunidade local (anexo 1).

O presente trabalho é composto por dois capítulos, além desta introdução e da conclusão. Neles procuro responder de que forma o uso dos saberes como guardiãs de sementes reverberam na realidade dessas mulheres, com foco no tema de autonomia e de biodiversidade. O primeiro capítulo foi produzido a partir de uma revisão bibliográfica que utilizou como fonte a Plataforma de Periódicos Capes, e como palavras-chave de busca as seguintes: as guardiãs, sementes crioulas, soberania alimentar, agroecologia e as lutas das mulheres rurais. A busca foi feita por meio da combinação dessas palavras, utilizando-se o operador booleano “e”¹.

O segundo capítulo apresenta os resultados da análise das três entrevistas. Nele busquei reconstruir os discursos das guardiãs a respeito da sua trajetória de vida, os significados das instruções legadas; os ritos de cuidado, de armazenamento e de conservação das sementes crioulas; autonomia alimentar, assim como as dinâmicas e relações com a comunidade local. Após uma aproximação indutiva, identifiquei a existências de alguns padrões, principalmente no que diz respeito aos aspectos de transição ancestral de saberes, a importância da agrobiodiversidade como forma de garantir a soberania alimentar, e o significado da autonomia ligado ao trabalho de guardiãs frente aos desafios da desigualdade de gênero no contexto rural. O capítulo dois está organizado de acordo com esses três elementos, além de uma descrição inicial de cada entrevistada.

1. AGROECOLOGIA, SEMENTES E MULHERES

Esse capítulo será dedicado a explicar os conceitos centrais da pesquisa, considerando os contextos em que eles se inserem.

¹ Para a busca foi utilizada como referência as instruções ministradas por Luiz Augusto Campos, no curso de revisão bibliográfica da SBS Aula Aberta p Metodológica (Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=iSsq0F7kKEc&ab_channel=SBStv).

1.1 Guardiãs/guardiões e as sementes crioulas

A agricultura tradicional pode ser classificada como uma união de técnicas de cultivo desenvolvidas por povos tradicionais com o uso intensivo de recursos naturais, utilizando de mão de obra familiar ou comunitária. Suas práticas são voltadas para manutenção e para a domesticação de variedades de plantas de crioulas (MEIRELLES, 2006).

No sistema tradicional de agricultura, as guardiãs e os guardiões são atores sociais detentores de conhecimentos adquiridos através de práticas de observação e percepção de saberes ancestrais. Conforme descreve Beviláqua (pg. 102, 2014), “os guardiões desenvolvem técnicas empíricas de cunho sociocultural para resgate, manutenção e dispersão de materiais crioulos, cujas práticas são passadas de geração em geração”.

Para Rodrigues (2019), a função desempenhada pelas guardiãs e pelos guardiões é a de preservar e selecionar as sementes que melhor se equilibrem com as dinâmicas ambientais, enquanto que mantém o poder sociocultural das variedades genéticas. O uso desse método de preservação das sementes é uma forma de garantia de autonomia, traço identitário camponês (FERNANDES, 2007). Mesmo com a expansão da indústria das sementes convencionais, os agricultores guardiões foram sujeitos de resistência ao processo de apagamento da diversidade das sementes porque perceberam nelas a “variabilidade, rusticidade, adaptabilidade, multiplicidade de usos e economicidade compatíveis com sua cultura, seus sistemas agrícolas” (FERNANDES pg 328, 2007).

Acerca do recorte jurídico, Londres (2014) descreve,

As sementes crioulas, segundo a legislação brasileira também chamadas de sementes de variedade local ou tradicional, são aquelas conservadas e manejadas por agricultores familiares, quilombolas, indígenas e outros povos tradicionais e que, ao longo de milênios, vêm sendo permanentemente adaptadas às formas de manejo dessas populações e aos seus locais de cultivo (LONDRES pág., 2014)

Segundo (ALMEIDA, 2019) as sementes são a base de sustento da agricultura familiar e a partir delas são garantidos os cultivos futuros. As sementes também têm alto poder de adaptação, determinado pelo fato de as variedades crioulas serem mais resistentes que as

sementes geneticamente modificadas, pois possuem grande potencial de variabilidade e de adaptabilidade às adversidades do clima e ao ataque de pragas (ALTIERI,2012).

Para Santilli (2009), a diversidade genética das sementes naturais – crioulas - domesticadas por agricultores tradicionais e indígenas se deu pela existência de múltiplos intercâmbios entre famílias e comunidades, permitindo que a planta fosse melhorada e adaptada. Essa multidiversidade genética característica das sementes crioulas as torna uma importante ferramenta para segurança alimentar.

Conforme Santilli (2009) agrobiodiversidade, ou mesmo biodiversidade agrícola, é um subgrupo de biodiversidades que inclui variedades de plantas, animais e organismos úteis para extração de alimentos. A agrobiodiversidade dita crioula é um recurso genético controlado pelos agricultores resultantes de vários processos de seleção e de manipulação das espécies permitindo sua evolução, dentro do seu *habitat*. Existe um consenso que esses saberes foram iniciados por comunidades indígenas e de agricultores tradicionais, constituindo um legado genético herdado pelos agricultores atuais (KAUFMANN, 2014).

Esse processo evolutivo das sementes crioulas é influenciado por interações culturais e sociais, uma vez que as trocas entre agricultores locais funcionam como ferramentas de melhoramento através de sistemas coletivos (KAUFMANN, 2014) (BURG, 2017). Da mesma forma, um dos pilares importantes para a garantia da soberania alimentar é o armazenamento de sementes, de forma a conservá-las para plantio em safras seguintes. A guarda e conservação feita pelas agricultoras e agricultores, chamada de *on farm*, “permite que as variedades continuem evoluindo com os agroecossistemas e com os sistemas culturais” (BURG, pág. 301, 2017).

No sentido oposto, como maior ameaça à biodiversidade, a expansão da Revolução da Verde e a concentração dos chamados pacotes tecnológicos sob administração de poucas empresas de capital privado construiu monopólio e controle de variedade de patentes de sementes (GOODMAN, 1990). Esta mercantilização e colonização do saber através da privatização dos recursos genéticos é exposto por Shiva (2001) como uma estratégia de continuidade de controle sob os países em desenvolvimento, conforme descrito nas palavras da autora,

"A proteção de patentes transforma lavradores em fornecedores de matéria prima grátis, os desabilita como competidores e os torna totalmente dependentes de suprimentos industriais para entradas tão vitais como sementes. O apelo frenético por proteção de patentes na agricultura é, na verdade, um estratagema para controlar os recursos biológicos agrícolas." (SHIVA, p. 79, 2001)

Esse modelo dominante tem raízes no apropriacionismo, que Goodman (1990) caracteriza como o esforço da indústria para reduzir o papel do trabalho rural, a alta rentabilidade na produção agrícola, aliada a esforços na área da biotecnologia, se traduziu numa lógica de enfraquecimento dos saberes naturais da produção no campo, trazendo mais controle do capital econômico sob o trabalho rural, previsibilidade da produção e oportunidade de novos mercados – como a expansão da indústria de equipamentos agrícolas.

Esse mesmo fenômeno ocorreu com a comercialização das sementes geneticamente modificadas, seu uso incentivado pelas indústrias de fertilizantes e instituições financeiras, foi gradualmente pressionando os agricultores a substituir as sementes tradicionais por sementes comerciais (SANTILLI, 2009).

Sobre a criação dos transgênicos pela agricultura moderna e o controle das sementes, Pacheco (2002) explica,

Esse caminho resultou na consolidação do controle da cadeia alimentar por um grupo cada vez mais reduzido de empresas agroindustriais transnacionais e na legalização da privatização da vida, através dos direitos de propriedade intelectual. Nos anos mais recentes, essas mesmas corporações passaram a investir no controle sobre os processos biológicos e a matéria-prima da vida, a chamada Biorrevolução, para circular no mercado global uma quantidade cada vez maior de produtos homogêneos, manipulados geneticamente ou os organismos geneticamente modificados, também chamados transgênicos. (PACHECO, p. 138, 2002)

Ao contrário das sementes crioulas, as sementes transgênicas são criadas através de processos mecanizados e sofrem manipulação genética, por isso são denominados organismos geneticamente modificados - os OGMs (PACHECO, 2002). Essa artificialização da produção de sementes em ritmo acelerado, e em larga expansão, coloca em risco a biodiversidade do ecossistema por contaminação, enquanto que retira do agricultor a autonomia produtiva, uma vez que o produtor rural, mediante a essas sementes, é proibido pelas empresas de OGMs de armazenar sementes para a próxima safra (SANTILLI, 2009).

Considerando a perspectiva de biodiversidade, a potencialidade produtividade trazida pelas lavouras de monocultura são ancoradas em sistemas frágeis e dependentes de controle

constante de suprimentos químicos industriais para manter a plantação, por isso são sistemas que servem mais para controle político do que como métodos de ampliação da produção de alimentos (SHIVA, 2001).

No sistema formal, a aprovação da lei brasileira de Sementes e Mudas Lei nº 10.711/03, reconheceu a existência das sementes crioulas e permitiu que agricultores familiares e os povos indígenas pudessem multiplicar sementes ou mudas para distribuição, troca ou comercialização entre si. Entretanto, a criação do decreto nº 5.153/2004 criou um impasse jurídico. O decreto, que deveria apenas regulamentar a Lei 10.711/03, acabou restringindo a comercialização através de cooperativas ou associações. Foi somente em 2012 que o Decreto nº. 7794/2012, sobre Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica liberou a troca ou comercialização das sementes entre produtores familiares, associações e cooperativas, em nível federal (LONDRES, 2014).

Segundo Santilli (2009), o problema central das leis brasileiras acerca das sementes crioulas é sua limitação sobre a regularização, assim como sua estrutura engessada para permitir a comercialização. Um exemplo disso, é a necessidade de um cadastro no Renasem - cadastro de pessoas físicas e jurídicas que produzem e se beneficiam da comercialização de sementes - no entanto, as sementes crioulas possuem características de variabilidade genética que impossibilita sua catalogação dentro desse sistema formal. Por isso, a venda e troca das sementes crioulas são permitidas entre associações e cooperativas, único caso em que a lei desobriga a necessidade do Renasem.

A erosão genética surgiu como consequência da modernização da agricultura devido à perda da variabilidade genética proporcionada pela substituição das sementes tradicionais por sementes comerciais (LONDRES, 2014). A intensificação desse processo de substituição reduziu consideravelmente o acervo de sementes nativas, obrigando o agricultor a recorrer a sementes modificadas, atingindo diretamente a segurança alimentar da unidade familiar (SANTILLI, 2009).

As transformações da agricultura impostas pelo sistema produtivo homogêneo, dependente de insumos externos (SANTILLI, 2009), estabeleceu relevante controle sobre os processos biológicos na produção de alimento (PACHECO, 2002) (SHIVA, 2001). Apesar

disso, a biodiversidade crioula sobreviveu através da sua manipulação e domesticação pelos agricultores (SANTILLI, 2001), no entanto, os deficientes instrumentos jurídicos de proteção das sementes crioulas contribuem para sua extinção e marginalização dos agricultores guardiões (KAUFMANN, 2014) (LONDRES, 2014), enfraquecendo a soberania e segurança alimentar nas pequenas propriedades rurais.

1.2 Segurança e soberania alimentar

O estudo da segurança alimentar em escala mundial entrou na pauta da comunidade internacional em 1945 com o surgimento da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO), no intuito de conter a fome com excedentes da produção industrial, em meio ao cenário de pós Segunda Guerra Mundial (CHONCHOL, 2005). No entanto, a proposta de combate à fome e à insegurança alimentar dos povos dividiu opiniões, em grande parte motivado por interesses políticos conflitantes e pelo fato dos investimentos da economia global estarem voltados para as dinâmicas produtivas hegemônicas facilitadas pela Revolução Verde. Nas décadas de 70 e 80, houve tentativas de estabelecer novos entendimentos sobre segurança alimentar, porém, estas continuavam vinculadas à ideia de produtividades agrícola e à mercê dos interesses da indústria (SILVA, 2020).

Foi em 1996, durante a Conferência Mundial da Alimentação, que o movimento Via Campesina utilizou o termo soberania alimentar sob uma ótica que incluía o povo campestre e suas lutas por direito à terra e a sistemas alimentares seguros (ALMEIDA, 2019). O manifesto da Via Campesina de intitular o debate sobre a fome mundial, em luta por soberania alimentar, sustenta-se na necessidade de tratar a fome como resultado de decisões econômicas e produtiva escala global, e não apenas como uma temática isolada (ALMEIDA, 2019).

Para fins de denominação, a soberania alimentar se define como a autonomia dos povos de escolher sobre o cultivo e sobre a distribuição da sua produção. Além disso, nesse debate também são discutidos o acesso à terra, o respeito ao meio ambiente e à cultura da vida campestre (SILVA, 2020). Essas condições são encontradas sob à luz dos princípios do campesinato, que integra além da segurança alimentar, questões ligadas à defesa da biodiversidade e o uso responsável dos recursos naturais (PLOEG, 2008).

Nesse sentido, como resistência às estruturas dominantes, emergem movimentos de práticas agroecológicas, que visam uma agricultura biodiversa e sustentável (CAPORAL, 2009). A agroecologia é entendida como uma ciência complexa, que busca equilíbrio no sistema produtivo como, por exemplo, dedica-se à melhoria constante do solo, em busca de fortalecer as plantações frente às pragas e organismos invasores, dispensando o uso de insumos industriais (ALTIERI, 2004).

Nas palavras do autor,

A produção sustentável em um agroecossistema deriva do equilíbrio entre plantas, solos, nutrientes, luz solar, umidade e outros organismos coexistentes. O agroecossistema é produtivo e saudável quando essas condições de crescimento ricas e equilibradas prevalecem, e quando as plantas permanecem resilientes de modo a tolerar estresses e adversidades. (ALTIERI, 2005, p.24)

A aplicação da agricultura tradicional e agroecológica não só promove a agrobiodiversidade, mas também são responsáveis por garantir soberania alimentar aos povos locais à medida que garantem colheitas em diferentes épocas do ano (ALTIERI, 2004). Portanto, esses sistemas estimulam a biodiversidade crioula, garantindo autonomia produtiva e alimentar dos agricultores, como resposta à insegurança alimentar produzida pela expansão do agronegócio (MARQUES, 2010) (MEIRELLES 2004).

Essas iniciativas nasceram diante da total incapacidade do modelo de agricultura e desenvolvimento convencional de atender às necessidades sociais (como solucionar o problema da fome e da desnutrição), e reduzir o desgaste do meio ambiente (ALTIERI, 2012). Dessa forma, ativistas, pesquisadores e movimentos sociais direcionam sua atenção para a agroecologia, enquanto ciência que aborda a agricultura sob o prisma sociocultural e o plantio como ecossistemas complexos (ALTIERI, 2005).

Para além do ordenamento jurídico, comunidades tradicionais, associações e cooperativas se organizam em trabalhos coletivos contra o apagamento dos saberes ancestrais e a dominação da agricultura moderna. Para estimular novos movimentos e organizações voltados aos princípios da agroecologia, as associações são iniciativas de espaços de trocas e de reafirmação das necessidades da comunidade local (OLANDA, 2015).

Sobre as associações, Olanda (2015) cita exemplos de organizações que tiveram êxito na consolidação de associação:

Os processos de organização das famílias guardiãs, a exemplo das Associações de Tenente Portela e de Ibarama, vêm possibilitando a ocupação e criação de espaços sociais, políticos e econômicos dando maior visibilidade não somente a estas famílias guardiãs e suas sementes, mas também, a possibilidade de autonomia frente ao modelo dominante de agricultura convencional, que impõe o consumo de insumos e também de alimentos industrializados. Olanda (pág. 21, 2015)

Além das associações, outro modelo de organização comunitária que tem ganhado notoriedade são os bancos de sementes, que podem ser organizados de forma coletiva ou em uma propriedade familiar. Suas estruturas “constituem estoques de sementes geridos por grupos de agricultores e conseguem assegurar o acesso a esses recursos e garantir a manutenção de um grande número de variedades de sementes” (LONDRES, pág. 14, 2014).

Conforme dito anteriormente, novas articulações e iniciativas emergem para contrapor a realidade social deixada pela industrialização do trabalho no campo (ALTIERI, 2004). Ancorada nos saberes agroecológicos, no resgate e na preservação da agrobiodiversidade crioula, agricultores criam condições para produzir alimentos de qualidade e de reconstruir soberania produtiva (PLOEG, 2008) (MEIRELLES 2004).

1.3 Mulheres camponesas e a agroecologia

A agroecologia não se caracteriza somente como um modelo de agricultura menos danosa ao meio ambiente, mas sim uma ciência que coloca como pertinente a fusão de diferentes linhas do pensamento científico para uma alternativa que abarque justiça social, preservação ambiental e soberania alimentar - “uma agricultura que não exclui ninguém” (CAPORAL E COSTABEBER, pág. 15, 2002). Assim, a agroecologia se propõe a ir além de um modelo sustentável de agricultura, é um campo de saber científico com pretensão de orientar uma evolução ecológica-social, com uma abordagem interdisciplinar e holística (CAPORAL, 2009). Da mesma forma que potencializa movimentos de resistência já existentes, seria o novo paradigma proposto pela transição ecológica (GUZMÁN, 2001).

A realidade das mulheres rurais é permeada por constantes desafios a respeito da subvalorização da sua força produtiva, ressaltando a desigualdade sexual do trabalho, resultada da cultura patriarcal (LORENZONI e JAN, 2018). Além disso, a dificuldade de reconhecimento de seu trabalho como agricultoras, tornou essas pautas centrais nos

movimentos sociais por direitos sustentados em lei, retirando a invisibilidade do trabalho na lavoura como apenas uma continuação do trabalho doméstico (SILIPRANDRI, 2009). A luta das mulheres camponesas foi construída dentro de movimentos sociais consolidados aonde sua participação era tão relevante que suas pautas foram aos poucos se transformando em indispensáveis dentro da organização. Assim ocorreu no Movimento Rurais Sem Terra (MST), movimento permanente de luta por reforma agrária, surgido no fim da década de 70, sendo considerado o movimento mais dinâmico e diverso nas lutas sociais. Seu processo de formação contou com descendentes quilombolas, indígenas, meeiros, colonos entre outras (AMARAL, 2018). Sua importância atravessou cenários de constantes lutas de classes da história brasileira. No movimento, inicialmente as mulheres tinham suas participações engessadas por seus papéis sociais inerentes à família. No entanto, durante o primeiro Congresso Nacional do MST, em 1985, normas gerais orientaram a criação de comissões internas de modo a discutir questões de representação e de atuação das mulheres, assim como estimular o combate à discriminação (SABIA, 2019).

Ademais, no cenário de luta das mulheres rurais, Boni (2018) ressalta o trabalho permanente do Movimento das Mulheres Camponesas (MMC) de articulação e emancipação feminina através de questões ligadas à soberania, segurança alimentar e agricultura agroecológica. A criação do movimento social resultou da união de vários movimentos locais existentes pelo país, desde 1980.

Conforme descrito por Boni (2018),

De forma isolada nos estados brasileiros, as organizações de mulheres existiam desde a década de 1980, como o Movimento de Mulheres Agricultoras (MMA) em Santa Catarina, Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais (MMTR) no Rio Grande do Sul e no Paraná e das extrativistas no norte e nordeste do Brasil, as quebradeiras de coco de babaçu, entre outras organizações de mulheres. Na década de 1990 esses movimentos se juntaram e, assim, criaram a Articulação Nacional de Mulheres Trabalhadoras Rurais (ANMTR), resultando, atualmente, no MMC. (BONI, pág. 125, 2018)

Ideologicamente aliado ao movimento Via Campesina, tradicionalmente ativo na luta por direitos das trabalhadoras rurais, o MMC foi gradualmente inserindo na luta das mulheres o debate acerca da divisão sexual do trabalho, violência doméstica, discriminação e opressão contra mulheres (BONI, 2018). A nomenclatura ‘camponesa’ foi escolhida em detrimento de “trabalhadora rural” ou “agricultora” numa tentativa do movimento em promover uma

identificação das mulheres como categoria social, integrada por trabalhadoras de diferentes atividades rurais. Conforme definido pelo movimento, uma camponesa é

“à pequena agricultora, e pescadora artesanal, a quebradeira de coco, as extrativistas, arrendatárias, meeiras, ribeirinhas, posseiras, boias-frias, diaristas, parceiras, sem-terra, acampadas e assentadas, assalariadas rurais e indígenas” (MMC, 2009).

Apesar do tema sobre pautas de direitos das mulheres encorparem o MMC desde meados dos anos 2000, à época as lideranças do movimento dispensaram o rótulo de ecofeminista, foi somente em 2010 que o movimento se denominou como camponês e feminista (BONI, 2018). Dadas essas duas condições, ser mulher e ser camponesa, o movimento reconhece a diversidade de pautas no próprio conceito de feminismo. Essa leitura conceituada pela interseccionalidade propõe considerar as diferenças e particularidades existentes na luta de ser mulher, orientadas por recortes de raça, classe, etnia e entre tantos outros (ERICE, 2015)

Shiva (2003) se consolidou como importante ativista crítica à propagação dos agrotóxicos e biotecnologias trazidas pela Revolução Verde, por meio do ecofeminismo teve grande liderança na luta contra a “modernização” da agricultura. Na teoria ecofeminista é defendido a existência de uma conexão entre o feminino e a natureza, numa interconexão entre ecologia e feminismo. Dentro dessa lógica, Shiva (2001) relaciona a luta das mulheres contra a opressão com a luta da natureza contra a sua própria destruição, e que ambas resultado de dominação colonialista. Da mesma forma, Shiva (2001) expõe a correlação entre homem/cultura - mulher/natureza, como um projeto do patriarcado para naturalizar a opressão.

No feminismo construtivista as diferenças entre os dois sexos são caracterizadas como fruto de uma construção social que visa legitimar a dominação masculina. Considerando isso, o ecofeminismo defendido foi bastante criticado por uma parcela dos movimentos feministas, que questionavam seu caráter essencialista, por acreditarem que essas ideias contribuem para a manutenção do teor binário de reprodução de gênero² nos papéis sociais (PAULILO, 2016).

² O termo "gênero", ao longo desse trabalho, é utilizado sob a perspectiva de categorização para compreender desigualdades, conforme sustentada pela autora Izquierdo (2006), dentro da sociedade essa desigualdade é estrutura sob dois gêneros, o que produz e o que reproduz, existindo uma dependência do setor que reproduz para com o que produz/administra.

Ainda, Warren (2003), entende que quando os impactos ambientais atingem de forma direta as mulheres, isto os torna uma pauta feminista. Se tratam de dinâmicas que reproduzem, em algum grau, os mesmos mecanismos de controle e de subordinação.

Ferreira e Mattos (2017) inserem na perspectiva agroecológica a valorização dos saberes regionais e a importância da contribuição do trabalho das mulheres nos sistemas agroflorestais. Da mesma forma, pautas de justiça social e relações de gênero se tornam parte do diálogo sobre os caminhos que precisam ser abertos com a agroecologia. No entanto, mesmo que dentro desses espaços as mulheres encontrem condições de se empoderar sobre suas dinâmicas produtivas, pessoais e políticas, a agroecologia sozinha não dá conta de abarcar as questões de gênero na sua totalidade de importância. Por isso, faz-se necessário um enfrentamento conduzido pela agroecologia e o feminismo (FERREIRA; MATTOS, 2017).

A luta por justiça social e a redução das desigualdades é um dos princípios que regem sistemas agroecológicos, pois dentro desta estrutura é necessário um olhar sensível para opressões econômicas, culturais e sociais (CAPORAL E COSTABEBER, 2002) (ALTIERI, 2004) (CAPORAL, 2009). Além disso, no modelo de agricultura sustentável as agrobiodiversidade crioulas representam autonomia da propriedade familiar, do mesmo modo que estimula a valorização dos saberes camponeses e modo de vida camponesa (PLOEG, 20

2. AS MULHERES GUARDIÃS

Neste capítulo tratarei dos resultados encontrados a partir da análise das entrevistas com as guardiãs das sementes crioulas. Primeiramente, apresentarei cada uma delas, contando um pouco das suas histórias de vida. Então, apresentarei as análises referentes ao legado das sementes, cuidados relativos ao armazenamento, a construção identitária e a autonomia, que durante as entrevistas foram se relacionando com a prática cotidiana das guardiãs.

2.1 As guardiãs

Imagem 1: variedades cultivadas na propriedade da família



Fonte: arquivo pessoal guardiã 1

Guardiã 1 – B.S., 54 anos

Moradora do Município de Canguçu/RS, vive e trabalha com o marido e a filha no assentamento Arroio das Pedras - 5º distrito do município. Nascida em Santana do Livramento/RS, morou 2 anos e 9 meses no acampamento do MST em Santo Antônio das Missões/RS, em 1999, a família foi contemplada com direito à terra pela reforma agrária. A produção de sementes da família é certificada pelo selo Orgânicos do Brasil há mais de 10 anos, a ideia surgiu depois que se tornaram fornecedores de sementes para o banco de sementes da Cooperativa Bionatur³. Em 2003 durante um evento

³ A Bionatur, a organização que a Guardiã 1 oferece sementes, é uma rede de sementes agroecológica construída por agricultores assentados de reforma agrária. A marca Bionatur foi criada em 1997, na cidade de Hulha Negra/RS, e pode ser caracterizada como um banco coletivo de sementes crioulas. Juridicamente a Bionatur é representada pela Cooperativa Agroecológica Nacional Terra e Vida

organizado pelo MST em Pelotas/RS, B.S. foi premiada pelo seu trabalho de luta por direito à terra. Além de guardiã de sementes, ela é tecelã e artesã, trabalha transformando (tecendo e tingindo) lã de ovelha em roupas, palas, mantas e tapetes. Usa as redes sociais para divulgar seus trabalhos e também para se conectar a outras pessoas que desenvolvem trabalhos baseados na agroecologia.

“eu fui acampada, depois o INCRA me trouxe para cá - eu tentei sorteio para voltar para região de Santana de Livramento, mas não dei sorte. Nosso acampamento foi muito falado na época, nós acampamos na BR do Mercosul, em janeiro de 1997. Nós ocupamos lá, éramos 5 mil famílias, já pensou 5 mil famílias?! Eram famílias grandes, era uma cidade de lona”⁴(B.S., guardiã 1)

Os acampamentos do MST, citados pela que a guardiã 1, se configuram como ocupações de terra por trabalhadores do campo em luta por direito à terra, através da reforma agrária. Esses espaços se estabelecem como base de organização de luta por terra, mas se desdobram em importantes movimentos de formação de sujeitos políticos e socioculturais, produzindo valores, tradições e costumes que superam a própria luta, construindo identidade de sujeitos sociais (CALDART, 2001).

Durante a entrevista, a guardiã 1 retoma as memórias do tempo de acampada, relembra os vínculos, as dinâmicas e organizações da rotina das famílias, compartilhando a relevância do MST na sua caminhada.

Imagem 2: variedades de sementes crioulas

(Conaterra), atualmente a Rede Bionatur é vinculada ao MST e à Via Campesina. Seus principais objetivos estão voltados para a produção e comercialização de sementes cultivadas, conservadas e melhoradas por agricultores locais, em condições produtivas que visam a potencializar a capacidade e adaptativa das espécies crioulas (SILVA, 2014)

⁴ Acampamento formado por trabalhadores sem-terra que ocuparam a fazenda Capão do Leão, em Santo Antônio das Missões, 548 km a oeste de Porto Alegre/RS.



Fonte: arquivo pessoal

Guardiã 2 - S.S. 17 anos

Guardiã mirim, filha da guardiã 2, é estudante de técnico em agrícola, matriculada em regime de internato, permanecendo durante os dias úteis no alojamento da escola. Ela compartilhou se identificar com a dinâmicas pedagógicas da escola, que intercala teoria e prática dos conteúdos. Apesar de considerar que o incentivo dos pais foi importante para escolha do curso, a guardiã 2, S.S., declara se sentir muito bem se ocupando com o trabalho produtivo do meio rural. Inclusive, pretende permanecer no campo após a conclusão dos estudos. Quando não está na escola costuma estar presente nas atividades de lavoura e nos cuidados com as plantas.

“Foi pelo incentivo do pai e da mãe [escolha do curso] e também porque eu gosto, me faz bem, eu gosto de estar na lavoura, cuidando as plantas, desde de nova eu me interessei e quando eu fiquei sabendo que eu podia fazer o curso em agrícola eu optei, para ter já uma formação de início, para futuramente ingressar na agronomia.” (GUARDIÃ 3 - S.S)

Guardiã 3 - R.C., 65 anos

Moradora do Município de Ibarama/RS, vive e trabalha junto com o marido na propriedade rural da família. Ela é membro da Associação de Guardiões de Sementes Crioulas de Ibarama e é participante permanente da Feira de troca de sementes crioulas de Ibarama, que acontece anualmente. No dia 12 de agosto deste ano, aconteceu sua 22ª edição, e mesmo durante a pandemia da COVID- 19 o evento aconteceu de forma virtual, em 2020 e 2021. Como parte de sua participação na Feira no modelo virtual, R.C., que também é artesã, produziu um vídeo ensinando a fazer artesanato com a palha do milho crioulo. Devido à variabilidade do milho crioulo, sua palha pode apresentar diferentes cores e tonalidades.

“conforme os trabalhos a gente usa uma palha, a gente tem um milho sertanejo crioulo que tem uma palha maravilhosa, assim colorida, a gente foi multiplicando, pegando as folhas mais brancas e as mais roxas e deu uma cor de palha maravilhosa” (guardiã 1)

Imagem 3 e 4: milho sertanejo cultivado na propriedade da guardiã 3 e o seu artesanato feito com a palha de milho



Fonte: arquivo pessoal guardiã 3

2.2 Sementes crioulas para as guardiãs: legado ancestral e identidade.

A quantidade de variedade de sementes relatadas pelas guardiãs é caracterizada por elas como algo difícil de mensurar, mesmo com meu esforço em sugerir que elas me indicassem um número aproximado. “Tenho a mostarda, a ervilha também tem um pouco, abóbora umas quantas espécies, né?! Tenho alface, eu tenho... coentro, salsa “(guardiã 1), dessa forma ela tentava buscar na memória, numa tentativa de elencar o máximo que lembrasse.

Relato semelhante apareceu durante a entrevista com a guardiã 3,

“tem mais de 100 variedades entre feijão e milho de pipoca e moranga e melancia e melão, então a gente começou na avaliação que teve esses dias lá na feira, a gente começou denominar as miudezas, o que não é milho a gente tem todas miudezas tudo que é para consumo, a gente tem todas as sementes, de alface, de tudo que é coisa de horta a gente tem sementes aqui. É muita, é arroz, trigo e de feijão é uma quantas variedades, feijão de vagem, o feijão miúdo como se diz, feijão sopinha” (guardiã 3)

A dificuldade de precisar um número, encontrada na resposta das guardiãs 1 e 3, pode ser traduzido relacionando com a dinâmica de organicidade das sementes crioulas, por se tratar de sementes com uma grande variabilidade genética e heterogeneidade

(MACHADO, et. al, 2008). Inclusive essa condição é uma das justificativas para não ser possível a inserção das sementes crioulas em um registro limitado, pois não é possível regular sua variabilidade (KAUFMANN, 2014)(SANTILLI, 2009).

Uma característica das sementes crioulas é sua existência e preservação ser dependente de um legatário, que recebe os saberes e transfere para outra pessoa. Além da contribuição para agrobiodiversidade genética, esse processo é carregado de sentido afetivo familiar, que pode ser percebido no relato da guardiã 1 sobre com quem aprende a cuidar das sementes: “ah com minha mãe... com meu pai, eles a vida toda plantaram milho, essas coisas, tudo assim sementes preservadas em casa [...] Eu comecei a guardar com a mãe, eu lembro muito dela na horta”. Esse sistema de reprodução sociocultural de práticas e ensinamento da vida camponesa é dependente da coprodução com a natureza (PLOEG, 2008).

Da mesma forma, a guardiã 3 reconhece a riqueza sociocultural que essa transferência de sabedoria carrega. Ela aprendeu com o pai e a mãe o cuidado e manejo com as sementes: “as sementes assim, no geral, aprendi pelo meu pai, ele sempre cuidou bem das sementes, quando eu me casei eu já trouxe para cá umas quantas variedades e meu marido também cuidava em casa.” (guardiã 3).

Pereira (2020) faz uma análise sobre a existência da agricultura familiar estar relacionada diretamente com a existência das sementes crioulas, pois sem elas o campesinato não sobreviveria, da mesma forma o legado genético das sementes depende das guardiãs para sua preservação. Esse processo de simbiose também é um mecanismo que reforça a importância do resgate e sobrevivência da agricultura camponesa.

Nessa direção, considerando que muitos desses saberes são ensinados a partir da observação e exposição à prática, e que eles estão interligados à continuidade da tradição pelos membros da família ou da comunidade, a biodiversidade das variedades crioulas decorre da continuidade do legado dessas técnicas. Este desafio foi lembrado e mencionado com grande importância por ambas as guardiãs, antes que a questão sobre o tema fosse introduzida.

“Eu vejo que é uma coisa importante, e gosto quando vem alguma pessoa me perguntar, para que outras gerações fiquem sabendo “ah a velha lá do século passado plantava e fazia assim, assim e assim”. Ela sabe tudo [a filha, guardiã 2], não sei se ela vai passar pro filho dela ou se ela vai se interessar. Ela tá

fazendo técnico agrícola e estou faceira e disse que vai fazer faculdade de agronomia” (guardiã 1)

“Eu acho muito importante porque essa função de ela passar para mim, da mãe dela ter passado para ela, é uma cultura passada pela família e eu acho muito importante continuar. Até mesmo por uma questão de ser mais saudável, por não ter a parte dos transgênicos” (guardiã 2)

“Me diga se toca de vir as sementes transgênicas e terminar com tudo isso, o que vai ser?! E pode acontecer, se a gente não tiver guardiões para a sucessão. Aqui em Ibarama tem os guardiões mirins, não sei se tu já ouviste falar...então ali é a esperança do futuro, dessas crianças começarem. Através da escola, elas vêm aqui fazer excursão, eles vêm visitar a gente. Esses tempinhos eles vieram ver a gente fazer erva mate, a gente tem uma plantação de erva-mate consorciada com laranjeiras, eles adoram ver a forma de salpico da erva, a maneira que fizemos.” (Guardiã 3)

O caso da guardiã 1, além de considerar importante transmitir o conhecimento a pessoas interessadas externas ao núcleo familiar, existe um empenho dela em incentivar essa transição de resistência dos saberes para os membros da família, “quem sabe mais adiante se eu tiver um genro que fale a mesma língua?! Daí também já repasso para ele”. Ainda, reforçando o elo das práticas ensinadas através da unidade familiar de trabalho, a guardiã 1 relembra o cotidiano na lavoura com a sua mãe: “a intenção dela era de passar para gente, ela levava a gente para trabalhar junto para ver como ela estava fazendo”.

Para a guardiã 2, a significação do cuidado com as sementes está associada à presença nos processos de desenvolvimento da planta: "quando eu tô cuidando, plantando eu gosto de ver os resultados, eu reguei e daqui a um tempo ela cresceu, me faz bem assim. É agradável ver a planta crescer e depois poder consumir”

Durante a entrevista, a guardiã 1 relembra episódios em família em que a guardiã 2, ainda criança, reproduzia a lida de guardar, carregar e plantar sementes, apenas a partir da observação aos pais.

“Tem uma macieira plantada por ela. Uma vez eu dei uma maçã para ela, raspada e aquela sementinha ela trazia na mãozinha e incomodou o pai dela até colocar num potinho com terra, ele fez a vontade dela e está aí os pés de maçã dela [...] lima, estamos com um pomar de lima ali porque onde ela passou e comeu lima, ela trouxe a semente e plantou. Ela tinha uns quatros aninhos e ela já fazia isso, porque ela via a gente fazendo isso, ela nasceu vendo isso.” (guardiã 1)

Já a guardiã 3, relata que por seus filhos seguirem caminhos diferentes do dela, aposta na comunidade local como meio de compartilhar seus conhecimentos: “como a gente gosta de passar tudo isso, quando vem gente de fora a gente fornece sementes para que levem adiante sementes diferentes, que ninguém conhece”. Além da participação permanente na feira anual de trocas de sementes, a propriedade administrada por ela e o esposo, está em constante conexão com a comunidade.

"O Pira Rural é um festival de música, através das sementes crioulas a gente conheceu esse festival, a gente ouvia falar de Pira rural, aí convidaram para gente fornecer produtos para eles [no evento] porque eles são umas pessoas alternativas então querem comer só produtos orgânicos, ecológicos. A maioria dos guardiões viam esse festival como um pessoal meio pirado (risos). Bom daí um dia eles vieram aqui... a primeira vez, como a gente ia fornecer os nossos produtos para eles, eles vieram aqui numa excursão, o Piratur [...] inclusive amanhã gente tem que fazer um vídeo pra mandar pra um evento de bioconstrução, para eles usarem nas chamadas do evento no Instagram, porque a gente forneceu a erva-mate e azeitonas” (guardiã 3)

Segundo Marques (2009), a diversidade do trabalho acarreta novas oportunidades de vínculos e relações sociais, assim como constroem novos canais de trocas e aprendizados, que favorecem o processo de sustentabilidade. No caso da propriedade familiar da guardiã 3, existia antes o cultivo de fumo, que possui forte influência na região central do estado. Hoje em dia, a guardiã 3 diz ter encontrado no cultivo das sementes crioulas uma maneira de valorizar a natureza e os saberes tradicionais: “Imagina, no dia a dia a gente vai vivendo isso e vai dando valor cada vez mais. Pensa bem os indígenas como viviam né?! Dando valor a sementes, a terra, a natureza.”

Para a realidade da guardiã 3, a transição ecológica além de desvincular a propriedade da família da prática da monocultura, reconectou-a com os saberes herdados de seus pais. Em consequência dessas mudanças, foi possível construir novas redes de trocas com a comunidade local, viabilizadas por conta da multifuncionalidade produtiva da sua unidade familiar (ALTIERI, 2004).

E em decorrência da agricultura desenvolvida em torno da agroecologia, a guardiã conta que centros de pesquisas das universidades da região a procuram para saber sobre seu trabalho. Segundo ela, o trabalho de guarda das sementes crioulas expandiu suas relações sociais, como mencionado em uma parte da entrevista, “depois

que a gente começou com isso, quantas pessoas a gente conheceu a mais e tudo, gurizadas novas” (guardiã 3).

É possível analisar um grupo social a partir do estudo e da observação das suas preferências e hábitos alimentares, isto ocorre porque nas suas inclinações por escolha de um sabor ou comida são revelados aspectos vinculados à condição social e origens étnicas (WOORTMANN, 2013).

“e a questão do paladar, a melancia mesmo pode colocar uma melancia crioula e a outra, eu sinto”. (guardiã 1)

“[...]a cenoura, a cenoura da escola mesmo, não é boa. Aí tu vais olhar as cenouras aqui de casa que é bem menor, é muito melhor, mais doce, não tão agri na boca, é mais gostosa de consumir. Beterraba também... essas coisas” (guardiã 2)

Conforme a experiência das guardiãs, a comida também está relacionada às memórias afetivas de sabor, presente na fala “aqui de casa que é bem menor, é muito melhor”. A preferência pela qualidade da comida produzida a partir das sementes crioulas pode aqui também ser considerada como uma herança familiar.

Sobre a narrativa da guardiã 3 a respeito da cultura viva através das sementes crioulas, ela explica:

“o feijão sopinha essa história eu ainda contei no face e no Instagram, e o pessoal achou bem legal, porque gosto de contar a história como que veio, porque ele produz muito leite, daí a gente conseguiu esse feijão que as escravas trouxeram nos navios para amamentar os bebês, não podiam trazer no navio sementes, se descobrissem nossa, não iam deixar, não podiam trazer no navio sementes, se descobrissem nossa... então elas com os cabelos encaracolados elas guardavam as sementes e por isso que a gente tem elas até hoje” (guardiã 3)

Considerando os contextos apresentados pelas guardiãs entrevistadas, é notável sua relação com as sementes crioulas como um artefato que transcende gerações, constrói identidade e cultura das guardiãs. Os vínculos afetivos dos ritos do cuidado e orientações no cotidiano das guardiãs são heranças de um legado que exigiu esforço de diferentes povos, em diferentes épocas, para que ainda hoje as variedades das sementes crioulas sejam um patrimônio a ser preservado.

Imagem 5: feijão da variedade "sopinha"



Fonte: arquivo pessoal guardiã 3

Conforme demonstrado nos relatos acima, as sementes crioulas não são somente geradoras de transformações no cultivo de alimentos, mas também são agentes que implicam na construção de identidades, marcam elos afetivos parentais e possibilitam novas relações. Além disso, como no caso da guardiã 3, a diversidade agrícola da propriedade proporcionou novas experiências coletivas e sociais, pois quanto mais diversa for a unidade produtiva, maior a possibilidade de construir novas redes que enriquecimento social da comunidade (PLOEG, 2008). A guardiã 1 e 2 revelam que os saberes sobre agrobiodiversidade crioula é tão intrínseca a sua própria identidade camponesa, que não é possível precisar o momento que a guardiã 2 se tornou uma protetora das sementes crioulas.

2.3 Soberania alimentar: uma perspectiva de subsistência

Pensar sobre soberania alimentar, é considerar as frentes de lutas por segurança do alimento que se planta e se come, sobre a liberdade de escolher o que plantar, sobre independência e insubordinação aos insumos e sementes transgênicas. Para Belivaqua (2020), quem guarda semente traz para si o poder de reger a vida, de liberdade para

plantar da forma que escolher fazê-lo, sabe das particularidades vista às dificuldades cotidianas. Da mesma forma, sabe do potencial das sementes crioulas em garantir autonomia, segurança e soberania alimentar.

Juntamente com fatores relacionados à segurança alimentar, foram citados pelas guardiãs aspectos associados ao sabor, à qualidade e à segurança nutricional dos alimentos produzidos a partir de sementes crioulas. Essa reunião de características, além de ser um instrumento para construção de cultura e de identidade, legitima os esforços dos agricultores na luta por soberania alimentar nas esferas políticas e legais.

Ademais, um dos importantes meios de autonomia da unidade familiar é a conservação da diversidade genética das sementes crioulas pelos agricultores, *on farm*, que além de ser uma ferramenta para garantir futuros plantios, é também uma forma de contribuir para a evolução genética das sementes, através de trocas entre os agricultores (BURG, 2017).

“Eu planto na horta, daí eu cuido delas, eu sempre cuido a lua, nunca planto em qualquer lua para não criar caruncho. Daí as sementes que eu vejo que tá pronta, eu congelo no freezer, daí do freezer vai direto pra terra. Eu tenho uma pipoca congelada, um milho catete e um outro milho que não me lembro o nome, mas também é crioulo.” (guardiã 1)

“A gente primeiro seleciona, guarda bem pra plantar no próximo ano. Troca com alguém, vende pra alguém, comprar outra variedade. você armazena bem pra não perder, às vezes se perde alguma variedade, pode dar uma estiagem, os bichos comer. Pra dizer a verdade a gente guarda em bombonas sabe?! E pra colocar produtos químicos a gente, porque a gente é bem orgânico e ecológico, a gente não trabalha com veneno. Então a gente faz um negócio de colocar lá dentro as sementes e acende uma velinha dessas comuns e quando ela termina de queimar ela se apaga e queima todo o oxigênio e daí as sementes não criam caruncho, nem insetos. Aqueles galões de água mineral, sabe?! Quando não é muitas sementes para guardar, a gente usa esses pets também” (Guardiã 2)

Esse processo de manter espécies sob o cuidado e manejo da unidade produtiva, conforme descrito nos casos das guardiãs 1 e 3, são consideradas ferramentas coletivas de conservar a agrobiodiversidade, estimulando a sementes crioulas a adaptar-se e evoluir dentro do seu meio natural (TRICHES, 2013).

Considerando o processo de trato com as sementes mencionado pelas guardiãs 1 e 3, percebemos o esforço de construir alternativas camponesas que sustentem sua

autonomia, mantenha a qualidade e segurança alimentar, conduzida pelo trabalho familiar, orientadas por relações contra-hegemônicas (SANTOS, 2021).

“Minha mãe plantava um hectare de terra e dali ela tirava o sustento pro ano todo pra família. Aquela mulher velha fazia com essa pá de corte, ali ela tirada feijão preto, ela tirava batatinha, mandioca, batata doce, tudo, tudo, de fora vinha muito pouco, só o que ela não conseguia plantar.” (guardiã 1)

Conforme já elucidado ao longo do trabalho, a agricultura camponesa utiliza a diversidade e fácil adaptabilidade das sementes crioulas para garantir o sustento da unidade familiar, o ano todo, considerando o uso de manejo e aplicação de técnicas milenares para uma produção diversificada (ALTIERI, 2004). No trecho acima, a partir da lembrança compartilhada pela da guardiã 1 sobre como sua mãe garantia a alimentação da família, podemos ilustrar, para fins exemplificativos, que através da agrobiodiversidade crioula ela provia segurança alimentar, enquanto que contribuía para notável autossuficiência da propriedade.

“Eu acho muito importante [guardar sementes], no meu caso também é uma questão de economia ter sua própria semente, porque se a gente for ver o custo dessas sementes transgênicas, essas convencionais aí, se não comprar o pacote todo nem... é a nossa semente crioula tá ali, tu sabes que tu vai fazer uma composteira, com uma esterqueira com o que for, tu sabe que tua semente ela já tá ali “(GUARDIÃ 1)

“É uma independência nossa, não depender das multinacionais que querem empurrar as sementes deles para gente e depois a gente tem que pagar os royalties para as *Monsatos* e essas. Usar as nossas sementes que não modificadas nem nada.” (GUARDIÃ 3)

Ademais, importantes questões foram apontadas pelas guardiãs sobre o prisma da independência promovida pelo cultivo com suas próprias sementes, fundamentadas pelo fator econômico. Além disso, o alto custo das sementes transgênicas relatado pela guardiã 1 evidencia a disparidade do capital financeiro dos pequenos produtores rurais comparados aos grandes latifúndios, público alvo das empresas de biotecnologias agrícolas (GOODMANN, 1990). Outro ponto, argumentado pela guardiã 3, é a submissão padecida pelo agricultor que recorre às sementes comerciais, uma vez que as empresas fornecedoras de sementes modificadas exigem pagamento sobre produção gerada por meio das sementes (AVILA, 2017).

Conforme exposto nessa seção, as sementes crioulas nas vidas das guardiãs, do ponto de vista da soberania alimentar, garantem alimentos com baixo custo pelo uso de técnicas holísticas de cultivo e método de armazenamento livre de insumos químicos (ALTIERI, 2004). Dessa maneira, guardar as próprias sementes asseguram a origem e qualidade dos alimentos, além de se constituir como resistência à hegemonia da agricultura convencional.

2.4 Autonomia e luta por visibilidade

A inserção das mulheres em espaços públicos e de tomada de decisão são trazidos nas discussões sobre a construção de ambientes agroecológicos, da mesma forma, a invisibilidade do trabalho executado por mulheres é sugerido por Lorenzoni e Jahn, (2018) como sendo uma consequência da construção patriarcal da sociedade como um todo. O trabalho desenvolvido por elas, não valorizado nem reconhecido e, muitas vezes, nem remunerado – sendo ele doméstico ou de cuidado com a lavoura, funciona como uma ferramenta “disciplinadora e estabilizadora da força de trabalho, cumprindo com a concretização da divisão social do trabalho e do papel de gênero no meio rural”. (LORENZONI e JAHN, 2018, p.138).

Na realidade da comunidade, a guardiã 3 luta pelo direito das mulheres de ocuparem espaços de decisão. Conforme descreve sobre a composição da diretoria da associação de sementes crioulas que ela faz parte:

“Fazem parte da diretoria [associação] poucas [mulheres], predomina os homens. Isso é lamentável, mas agora nós estamos lutando para que haja mulheres, porque antes era muito machista, eu mesmo bato em cima disso porque quando vinha aqui a Emater a Embrapa ou qualquer escola que falava em fazer alguma excursão ou num jornal diziam tudo que a propriedade do [esposo], e nunca falavam meu nome, nunca falavam. Até que eu disse: “escuta, se eu ajudei a pagar a terra, a gente sempre junto, porque só ele?!” Eu bati muito em cima, aí depois trocaram. Isso eu digo em qualquer lugar, eu fui na Emater e falei “puxei as orelhas” da Emater duas vezes. E a mulherada me aplaudiam (risos) foi até que começaram a colocar meu nome também. E não foi fácil. [...] eu não sei se eu sou muito feminista, mas eu achava que isso não estava certo, não era certo” (Guardiã 3)

A interessante informação trazida pela guardiã 3 permite entender como ela conecta seu trabalho com a luta por visibilidade feminina. A sua reivindicação aos órgãos e a comunidade por reconhecimento era significativo para se legitimar como sujeito de direito.

Considerando o tema, relembro uma conquista do feminismo camponês, sobre a obrigatoriedade de titulação conjunta da propriedade rural, quando adquirida por um casal. Esse projeto de reconhecimento legal compulsório que buscava garantir sua parte da propriedade, era uma pauta importante de luta dos movimentos das mulheres rurais, e oficializada por lei em 2003 (SILIPRANDI, 2009).

Da mesma forma, os espaços privados constituem como reprodutores das lógicas de exclusão de direitos e de reconhecimento. Conforme Siliprandi (2009), ainda que no âmbito legal a conquista dos direitos seja uma realidade, no espaço doméstico e privado existe um grande distanciamento das mulheres ao acesso à autonomia conquistada na lei. Essa perspectiva é evidenciada na fala da guardiã 1.

“No evento que o movimento fez em Pelotas, eu fiquei em casa e fui só pra receber o prêmio [...] vou te ser bem sincera, machismo por parte do meu marido, ele é uma pessoa que a mulher tem que ficar em casa “no tanque molha a barriga e seca no fogão”. E eu toda vida sempre fiquei, sempre por uma coisa ou por outra, sempre tive que ficar. Tem a distância, mas sempre quando tem as coisas, é feira de semente, sempre tem alguém que vai pra feira, a Emater se disponibilizar, leva. Mas sempre era ele que ia, eu acho que eu participei, o que, de duas feiras de sementes...[...] é, pra eu ir nessas coisas assim, era que a escola levasse, que aí tinha que acompanhar ela na escola ou eu ia de voluntária para cozinhar e ajudar a diretora na cozinha, ou então era sempre eu ficar em casa. Para conhecer a Bionatur, em Candiota, sempre teve, a Bionatur tem os carros, marcava reunião pro grupo e o carro vinha pegar em casa, e ele ia” (guardiã 1)

Na fala da guardiã 3 “eu não sei se eu sou muito feminista, mas eu achava que isso não estava certo, não era certo” é relevante ressaltar sua naturalização em se autodenominar parte dos movimentos de luta feminista. Da mesma forma, quando a guardiã 1 diz “machismo por parte do meu marido” demonstra uma consciência frente às lutas sobre as desigualdades de gêneros e os impactos no seu cotidiano. Valdete Boni (2018), em seu recente trabalho sobre as mudanças ideológicas no meio rural argumenta que a influência de movimentos sociais como o MMC resultou em uma ressignificação

sobre o termo ‘feminismo’, segundo a autora, “as mulheres já não se sentem intimidadas ao se assumirem como feministas” (BONI, pg.131, 2018).

Já quando questionadas sobre a existência de uma conexão entre o fato de serem mulheres e trabalharem com as sementes crioulas, a guardiã 3 não hesita em argumentar: “com certeza, porque a mulher é mais cuidadosa”. A guardiã 1 respondeu de forma semelhante, relacionando diretamente ao ato de cuidar.

“Sempre a mulher, por menos quantidade de semente que tenha na casa, e você chegar e perguntar pro esposo “você tem uma semente abóbora ou de salsa?” ele vai lá e, “meu bem, tu guardaste a semente assim e assim?” sempre a mulher, sempre ela, a não ser que seja guardião de semente como ela que daí ele vai saber.” (guardiã 1)

Sobre o exposto acima, é possível levantar discussões a respeito dos relatos das guardiãs 1 e 3, considerando a naturalização do papel da mulher dentro da sociedade estar vinculado ao cuidado. Uma delas paira na narrativa defendida pelo feminismo construtivista, que relaciona essa naturalização como fruto de imposição social do papel da mulher na sociedade, da mesma forma, a manutenção desse cenário como ferramenta de controle e de divisão do trabalho (PAULILO, 2016).

A outra análise, é embasada na teoria de Shiva (2001), sobre a existência de um propósito no desenvolvimento hegemônico da monocultura, assim como na sociedade patriarcal, de relacionar homens à cultura e mulheres à natureza, como condição para legitimar a dominação patriarcal. Dentro dessa narrativa podemos incluir o aprisionamento das mulheres no trabalho doméstico invisível e o cerceamento do seu protagonismo em espaços públicos, manifestado nos relatos das guardiãs 1 e 3.

Apesar dos desafios evidenciados pelas guardiãs, existe nas suas falas uma referência de caminho para a emancipação, ambas têm consciência do seu lugar de resistência, enfrentamento de opressão e desigualdade de gênero no meio rural, ainda que cada uma trilhe o caminho com diferente intensidade.

Para as guardiãs das sementes crioulas geram mais que alimentos, são mediadoras de mudanças pessoais, conexão com sua ancestralidade e fortalecimento de vínculos com a comunidade local. Na relação das guardiãs 1 e 2, ou seja, de mãe e filha, as sementes são verdadeiros legados, que a partir dos ensinamentos e métodos,

possibilita uma conexão transgeracional ao passo que fornecem ferramentas de autonomia alimentar. A guardiã 2, estudante de técnica agrícola compreende a importância e potencialidade desses saberes, e assim como a guardiã 3, busca na comunidade local construir redes de trocas de saberes e de fortalecimento.

Em suas realidades regionais, as guardiãs testemunharam a potência ancestral dos saberes transmitidos como parte de construção das suas identidades, de suas preferências relativas a sabores e qualidade dos alimentos. Sob a ótica política- social, a luta por terra - no caso da guardiã 1 e 2 - e a ressignificação da função social da sua propriedade familiar pela guardiã 3, direcionaram ambas para necessidade de organização coletiva sobre os direitos dos agricultores à autonomia sobre seus alimentos, e encontraram na agroecologia um modelo de agricultura compatível com suas lutas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho busquei analisar o significado e sentido que as sementes crioulas têm para as guardiãs, como os atos de cultivo e guarda reverberam no seu cotidiano e nas dinâmicas sociais da sua comunidade, enquanto ferramenta preservação da biodiversidade e autonomia alimentar, a partir do seu lugar de mulher agricultora. Ancorada na bibliografia e nos relatos de experiência de três guardiãs de sementes, argumentei que elas são indispensáveis no processo de transição agroecológica. Da mesma forma, o trabalho com as sementes crioulas influenciam e modifica a realidade das guardiãs

No primeiro capítulo, busquei elencar conceitos sintetizados através de pesquisa bibliográfica sobre o tema, considerando a narrativa temporal sobre a criação da agricultura vinculada às práticas alimentares aplicadas pelas mulheres. Adiante, focalizei a riqueza genética das sementes crioulas como elemento de grande importância na transição para uma agricultura sustentável e para superação da insegurança alimentar que assola os grupos sociais excluídos da agricultura moderna. No contexto da agroecologia, o trabalho das guardiãs é uma ferramenta potente para contornar a crise da biodiversidade resultante da industrialização da agricultura pela Revolução Verde. Se por um lado a agroecologia, enquanto ciência regenerativa complexa, vislumbra nas contribuições das guardiãs um meio de superação do modelo hegemônico da monocultura, por outro, os movimentos de lutas das mulheres enxergam na agroecologia um espaço de visibilidade às pautas contra as desigualdades de gênero e opressão.

No segundo capítulo analisei os relatos de experiência das guardiãs a respeito dos seus trabalhos com as sementes crioulas, considerando seus saberes ancestrais e a identificação com cultivo e a guarda das sementes, bem como o seu cotidiano acerca dos ritos, armazenagem e trocas de sementes. Percebi que, para as guardiãs, das sementes crioulas têm significados afetivos ligados ao parentesco, que norteiam seus modos de cultivo, manuseio e moldam suas identidades. Da mesma forma, elas

percebem a importância de transmissão de seus conhecimentos para sobrevivência das sementes crioulas.

Além disso, as guardiãs evidenciaram que ter suas próprias sementes traziam para propriedade familiar maior independência e segurança sobre a qualidade do alimento plantado. Outro ponto levantado por elas foi a respeito do fato econômico, garantir as sementes para o próximo cultivo evita que elas recorram às sementes comerciais, e se tornem submissas às multinacionais de transgênicos.

Ademais, o trabalho de guarda na vida dessas mulheres estimulou transformações pessoais e sociais na comunidade em que elas se inserem. Tais como no caso da guardiã 3, que através do ato de preservar sementes percebeu mudanças na sua vida e na propriedade da família. O conhecimento sobre as sementes expandiu seu meio social, e possibilitou conexão e troca de saberes com a comunidade científica e entidades culturais. Por outro lado, a sua inserção em novos espaços sociais, evidenciou para ela a resistência existente ao reconhecimento do trabalho feminino. Apesar da autonomia que as sementes crioulas proporcionam à guardiã, nos espaços sociais, ela era invisibilizada como protagonista do seu trabalho.

Da mesma forma, para a guardiã 1 foi importante o reconhecimento social dos seus saberes e de seu trabalho, no entanto, a situação explicitou a opressão que sofria na esfera privada, através do controle do seu cônjuge, evidenciando também a desigualdade sexual do trabalho doméstico e rural.

Considerando esse contexto, é interessante trazer a analogia de Shiva (2001): as sementes precisam ser salvas de extinção, da mesma forma que as mulheres precisam ser legitimadas e emancipadas da opressão de gênero. Dentro do contexto da agroecologia, enquanto ciência que propõe um meio social e ambientalmente saudável, as pautas de valorização do trabalho feminino e de enfrentamento do machismo são essenciais para a construção de um novo paradigma de produção de alimentos. E as mulheres são agentes de suma importância para promoção da segurança alimentar, por meio da preservação da biodiversidade.

Por fim, minha pesquisa concluiu que para as três mulheres entrevistadas, seu trabalho como guardiãs de sementes está relacionado à preservação de saberes

ancestrais, à garantia da biodiversidade e à autonomia e luta por visibilidade. Em diálogo com a bibliografia voltada para o estudo das mulheres rurais, feminismos rurais e agroecologia e sociologia rural, este trabalho buscou contribuir para identificar e visibilizar as contribuições e os desafios das mulheres protagonistas na luta contra o apagamento da biodiversidade crioula.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, R. **Paradigmas do capitalismo agrário em questão**. SPMR / Campinas, Hucitec, ANPOCS, UNICAMP, 1992. 275 p.
- ALMEIDA, Mário Tito B. **A dinâmica eco-geopolítica da fome e as relações de poder na governança global da segurança alimentar: a soberania alimentar como resistência** Belém:/ará, 2019
- AMARAL, Maísa Maria Batista Prates **Questão de gênero e MST: Os coletivos de auto-organização das mulheres no Espírito Santo**.2018 - 156 f
- ALTIERI, M. A. *Agro Ecology the Scientific Basis of Alternative Agriculture*. Intermediate Publications, London, 1987.
- ALTIERI, M. A. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. 3. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2001. 110 p.
- ALTIERI, M. A. **Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável**. Guaíba: Agropecuária, 2002. 592 p.
- BEVILAQUA ET AL. **Agricultores Guardiões de Sementes e Ampliação da Agrobiodiversidade**. Cadernos de Ciência & Tecnologia, Brasília, v. 31, n. 1, p. 70-118, jan./abr. 2014 - G. A. P.
- BONI, V. **Movimento de mulheres camponesas, feminismo e segurança alimentar**. In: TEDESCO, J.C., SEMINOTTI, J.J., and ROCHA, H.J., ed. *Movimentos e lutas sociais pela terra no sul do Brasil: questões contemporâneas* [online]. Chapecó: Editora UFFS, 2018, pp. 124-144.
- BURG, I. C. **As estratégias de conservação on farm e as ameaças de erosão genética e do conhecimento associado às variedades crioulas de milho de agricultores familiares do município de Novo Horizonte - SC**. 2017. 371 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- CALDAR, R. S. (2001). **O MST e a formação dos sem terra: o movimento social como princípio educativo**. *Estudos Avançados*, Recuperado de <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9832>
- CAPORAL, F. R.(org); PAULUS, G.; COSTABEBER, J. A. **Agroecologia: uma ciência do campo da complexidade**. Brasília, 2009.
- DOMINGUEZ, C. et al. **Sistema informal de sementes: causas, consequências e alternativas**. Pelotas: Editora Universitária/UFPel, 2000.

- FERNANDES, G. B. **Os direitos dos agricultores no contexto do Tratado de Recursos Fitogenéticos da FAO**: o debate no Brasil. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2007
- GOODMAN, D.; SORJ, B. & WILKINSON, J. **Da Lavoura às Biotecnologias**. Agricultura e indústria no sistema internacional. Rio de Janeiro: Campus, 1990. 191
- KAUFMANN, M. P. **Resgate, conservação e multiplicação da agrobiodiversidade crioula**: Um estudo de caso sobre a experiência guardiões das sementes crioulas de Ibarama (RS), 2014. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 2014
- LONDRES, Flávia - **As sementes da paixão e as políticas de distribuição de sementes na Paraíba**/ Flavia Londres. - Rio de Janeiro : AS-PTA, 2014. 83 p. : il. ; 28 cm. – (Sementes locais : experiências agroecológicas de conservação e uso)
- LORENZONI, C; JAN, E. F. **Mulheres camponesas do Rio Grande do Sul**: identidade, conhecimentos populares e garantia de autonomia na preservação, recuperação e multiplicação de sementes crioulas - Mulheres camponesas : semeando agroecologia, colhendo saúde e autonomia / organizadoras Vanderléia Laodete Pulga ... [et al.] – Porto Alegre : Rede UNIDA, 2018.
- MACHADO, Altair; SANTILLI, Juliana; MAGALHÃES, Rogério. **A agrobiodiversidade com enfoque agroecológico**: implicações conceituais e jurídicas. Brasília, DF: Embrapa informação tecnológica, 2008.
- MARQUES, F. C. **Aprendizagem e inovação**: as várias faces do trabalho de produtores de plantas medicinais do Sul do Brasil. Revista Agriculturas: experiências em agroecologia, v.6, n.3. outubro de 2009.
- MEIRELLES, L. R.; RUPP, L. C. D. (Coord.). **Biodiversidade**. Rio Grande do Sul. 2006, pág.12. disponível em http://www.centroecologico.org.br/cartilhas/cartilha_agrobiodiversidade.pdf.
- OLANDA, Rosemeri Berguenmaier. **Famílias guardiãs de sementes crioulas**: a tradição contribuindo para a agrobiodiversidade. 2015. 155f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Sistemas de Produção Agrícola Familiar. Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel. Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, RS. 2015
- PACHECO, M. E. L. **Em defesa da agricultura familiar sustentável com igualdade de gênero**. In: GT Gênero – Plataforma de Contrapartes Novib/SOS CORPO. Perspectivas de gênero: debates e questões para a ONGs. Recife: Gênero e Cidadania, 2002 (obra coletiva)

PAULILO, Maria Ignez. **Mulheres rurais**: quadro décadas de diálogo . Florianópolis: EdUFSC, 2016, 383p.

PEREIRA, V. C.; SOGLIO F. D. **A Conservação das sementes crioulas**: uma visão interdisciplinar da agrobiodiversidade SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2020. 558 p. : pdf

PLOEG, J. D. Van Der. **Camponeses e Impérios Alimentares**. Porto Alegre: UFRGS, 2008

MOVIMENTO DE MULHERES CAMPONESAS – MMC. **Movimento de Mulheres Agricultoras**: 21 anos de organização em Santa Catarina. Chapecó: MMC, 2004.

SANTILLI, Juliana. **A Lei de Sementes brasileira e os seus impactos sobre a agrobiodiversidade e os sistemas agrícolas locais e tradicionais**. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, v. 7, n. 2, p. 475, maio-ago. 2012

SILIPRANDI, Emma. **Mulheres e agroecologia**: a construção de novos sujeitos políticos na agricultura familiar. 2009. 291 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável)-Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

SILVA, Maria Zênia Tavares, «A segurança e a soberania alimentares: conceitos e possibilidades de combate à fome no Brasil», Configurações [Online], 25 | 2020, posto online no dia 23 junho 2020, consultado o 10 de setembro de 2022. URL: <http://journals.openedition.org/configuracoes/8626>;

SHIVA, V.; MIES, M. **Ecofeminismo**. Lisboa: Instituto Piaget, 1997

TRICHES, Marcio. **Diversidade De Variedades De Milho Comum Conservadas In Situ On Farm No Município De Novo Horizonte**

TRIVINÕS, Augusto Nivaldo da Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

WARREN, Karen J. **Filosofias ecofeministas**: una mirada general. In: WARREN, Karen J. Filosofias ecofeministas. España: Icaria Ecología Humana, 2003.

ANEXO 1

ROTEIRO DE ENTREVISTA

- Idade
- Contando com você, quantas pessoas moram na propriedade? Todos estão envolvidos no trabalho do cultivo?
- Quais as sementes que você cultiva?
- O que são sementes crioulas para você?
- Como as mantém e as multiplica?
- Como começou a guardar sementes? Aprendeu com alguém?
- Qual a importância para você das sementes crioulas para agricultura?
- Você troca ou vende sementes?
- Conhece alguma rede de troca de sementes crioulas?
- Conhece algum coletivo ou associação sobre sementes crioulas na sua região?
- Qual a importância para você das sementes crioulas para a diversidade na agricultura?
- Qual a relevância para você das sementes para manter um cultivo próprio?
- Você conhece pessoas da geração atual interessadas na guarda de sementes crioulas?
- Sente vontade de compartilhar seus conhecimentos sobre as sementes crioulas?
- O que você entende por autonomia considerando a produção de alimentos?
- Você acha que há algum elo entre ser mulher e guardar sementes?
- Como você descreveria o trabalho das mulheres na guarda de sementes?